

OS FENÔMENOS RELIGIOSOS COMO EXPRESSÃO DA DIMENSÃO CULTURAL DO SER HUMANO: CONTRIBUIÇÕES DO ENSINO RELIGIOSO NO AMBIENTE ESCOLAR

RELIGIOUS PHENOMENA AS AN EXPRESSION OF THE CULTURAL DIMENSION OF THE HUMAN BEING: CONTRIBUTIONS OF RELIGIOUS TEACHING IN THE SCHOOL ENVIRONMENT

Fagner Veloso da Silva¹

Karla Alexandra Dantas Freitas Estrela²

Gislayne Aparecida Barbosa Miranda³

RESUMO

Este artigo é resultado de uma pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa, efetivada por uma abordagem hermenêutico-filosófica rigorosa. Nossa metodologia consistiu na análise, problematização e interpretação de alguns textos referenciados na bibliografia, mas principalmente, nos debruçamos sobre o capítulo três do livro *Fundamentos do Ensino Religioso*, de Arnaldo Vicente Ferreira Sá (2015). Nosso objetivo é debater como o Ensino Religioso, enquanto área temática e disciplina curricular, pode contribuir com o processo da integração das dimensões religiosa e educacional do ser humano no ambiente escolar.

Palavras-chave: Ensino Religioso; Fenômenos Religiosos; Dimensões Religiosas; Escola.

ABSTRACT

This article is a result of a bibliographical research, of a qualitative nature, carried out by a rigorous hermeneutic-philosophical approach. Our methodology consisted in the analysis, questioning and interpretation of some texts referenced in the bibliography, but mainly, we focused on chapter three of the book *Fundamentos do Ensino Religioso*, by Arnaldo Vicente Ferreira Sá (2015). Our aim is to debate how Religious Education, as a thematic area and curricular discipline, can contribute to the process of integrating the religious and educational dimensions of human beings in the school environment.

Keywords: Religious Education; Religious Phenomena; Religious Dimensions; School.

1 Doutorando do Curso de Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba- UFPB, fagner_rian@hotmail.com

2 Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, karla_adfe@hotmail.com

3 Graduada e especialista em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, gislayne2012.1@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Pensar em educação no âmbito do ensino fundamental na sociedade brasileira implica, como pressuposto indispensável, um olhar consciente da realidade a partir da conjuntura histórica que requer contribuições da antropologia, filosofia, sociologia e, principalmente, das ciências das religiões. Contudo, com o processo de intolerância no qual o Brasil está inserido, urge a necessidade de desvelar as falhas para uma possível restauração do tecido social, ou seja, a necessidade de despertar e promover dinâmicas que permitam a construção harmoniosa e respeitosa da relação entre as pessoas de diferentes credos e, mesmo das que não possuem nenhuma confissão religiosa.

Nossa reflexão, neste artigo, constitui o esforço para contribuir com esta construção, a partir da escola, através da integração das dimensões religiosa e educacional do ser humano. Por esta razão, entendemos ser de fundamental importância a presença do Ensino Religioso no currículo escolar. Por intermédio desta disciplina, o educador pode lecionar a partir de três importantes enfoques: a História das Religiões, a Fenomenologia das Religiões e a Filosofia da Religião, por serem vias possíveis para um ensino não confessional, condicionado à confessionalidade, isto é, restrito a uma única concepção do Sagrado/Transcendente. Sobre o enfoque na História das religiões, Eliane Moura da Silva (2013) nos diz que:

a história cultural das práticas religiosas deve, portanto, procurar entender a formação da categoria generalizante *a religião* como um código cultural com sentidos variados, investigando mediações, empréstimos, cruzamentos, difusões, hibridações e mestiçagens. Os objetos intelectuais de pesquisa não são, dessa forma, estruturas essencializantes de um espírito humano com conteúdo universal em formas diferenciadas. Ao contrário, são produtos históricos em relações específicas que se comunicam através de processos de generalizações. (Silva, 2013, p. 124)

Quanto a enfatizar o ensino sobre a fenomenologia das religiões, Antônio Gôuvea Mendonça (1999) afirma que:

antes de tentar penetrar na relação existente entre fenomenologia e experiência religiosa, é necessário dizer de que trata mesmo a fenomenologia da religião. Arnaldo Nesti salienta quatro aspectos do conceito muito abrangente de Fenomenologia da Religião que podem situarnos ‘melhor no quadro de referências desta disciplina ou ciência, como já se propõe. Trata-se primeiro, diz Nesti, de um método analítico que tende a uma explicação da morfologia religiosa; segundo, de uma escola tipológica que tende a investigar os diversos tipos de formas religiosas; terceiro, de uma escola que, em sentido estrito, se ocupa da essência do sentido e da estrutura do fenômeno religioso; e, em quarto lugar, de uma orientação de natureza filosófica que se origina do sentido estreito da contribuição de Husserl e, em particular, de Scheler. (Mendonça, 1999, p 77)

Urbano Zilles (1991), por sua vez, quando discorre sobre ensinar através do prisma da Filosofia da Religião nos assegura que:

a filosofia da religião atualmente se encontra em situação precária dentro do conjunto. Não deve ser identificada simplesmente com religião filosófica ou com filosofia religiosa. Trata-se de indagação filosófica que usa métodos filosóficos com objetivos filosóficos. Mas não é qualquer filosofia capaz de criticar corretamente o mundo humano da fé e da religião. As filosofias que pretendem simplesmente explicar a religião ou reduzi-la a elemento não religioso como libido ou situação socioeconômica alienada não servem, como veremos adiante. Da mesma maneira, não servem para estabelecer corretamente o sentido da religião hoje as filosofias que se põem diretamente a serviço da fé (são Boaventura, santo Tomás de Aquino), pois não se trata da simples recuperação de certos dogmas, p. ex., a transcendência do Absoluto, pela filosofia. Cabe investigar se o fenômeno religioso é originário e irreduzível no homem, e se leva, por sua natureza, a um termo supremo chamado Deus. (Zilles, 1991, p. 19)

Neste sentido, o docente da disciplina de Ensino Religioso deve ter o cuidado para não ficar “preso” a uma atitude confessional, ou seja, a uma visão reducionista do Sagrado/Transcendente, limitando-o a uma única religião. A respeito disso, na BNCC podemos ler o seguinte:

O Ensino Religioso busca construir, por meio do estudo dos conhecimentos religiosos e das filosofias de vida, atitudes de reconhecimento e respeito às alteridades. Trata-se de um espaço de aprendizagens, experiências pedagógicas, intercâmbios e diálogos permanentes, que visam o acolhimento das identidades culturais, religiosas ou não, na perspectiva da interculturalidade, direitos humanos e cultura da paz. Tais finalidades se articulam aos elementos da formação integral dos estudantes, na medida em que fomentam a aprendizagem da convivência democrática e cidadã, princípio básico à vida em sociedade (Brasil, 2019, p. 434)

O vínculo entre religiosidade e educação é uma realidade patente, claramente evidenciada em nossas escolas. Ao longo da história do nosso país, a relação da religião no cenário educacional parece ter ficado mais próximos nas últimas décadas: da concepção tradicional do poder real derivada da divindade, ao panorama atual a qual a politização do religioso é expressa em partes que assumem suas convicções como lutas no palco público. Por outro lado, a religião como manifestação do patrimônio cultural dos povos adquire importância levando-se em conta a irrupção da produção simbólica na educação, influenciando a compreensão do mundo e dos modos de vida.

O que nos interessa é abordar a importância que esse elo tem no espaço escolar, encontrando na linha de intersecção entre Cultura, Fé e Formação Cidadã, possibilidades de aproximação por meio de uma visão abrangente do religioso como mediação para o reconhecimento da diversidade na esfera cultural e a necessidade de uma posição que dê voz as diversas manifestações religiosas.

O Brasil possui uma diversidade cultural bastante notória, diversidade esta que se estende também à religiosidade do nosso povo. Inúmeras denominações religiosas coexistem e professam livremente em nosso território de maneira, nem sempre pacífica, encontros ecumênicos⁴ são promovidos na busca

4 Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC) Koinonia, Diaconia, Centro de Estudos Bíblicos (CEBI), Centro Ecumênico de Serviços à Educação e Evangelização Popular. Cf. <https://conic.org.br/portal/> <http://koinonia.org.br/> <http://bemvindo.diaconia.org.br/> <https://cebi.org.br/> <http://www.claibrasil.org.br/> <https://www.oikoumene.org/en> <http://www.taize.fr/pt>



por um diálogo entre as religiões, e essa liberdade religiosa prevista inclusive na Carta Magna, concede ao país uma fama de nação tolerante.

Todavia, será possível concluirmos que somos realmente um povo pacífico e que a(s) religião(s) promove(m) a paz entre nós? Será isso verdade? Mas, e se não for bem assim, como o docente responsável pelo Ensino Religioso em nossas escolas poderá contribuir para amenizar os conflitos, as intolerâncias, a falta de diálogo entre as mais diversas instituições religiosas? Talvez Paulo Freire tenha indicado as diretrizes básicas para a atuação do docente da disciplina do Ensino Religioso:

Creio que uma das qualidades essenciais que a autoridade docente democrática deve revelar em suas relações com as liberdades dos alunos é a segurança em si mesma. É a segurança que se expressa na firmeza com que atua, com que decide, com que respeita as liberdades, com que discute suas próprias posições, com que aceita rever-se (Freire, 2008, p. 91)

Apesar de não termos por aqui conflitos com maior intensidade. Vez por outra percebemos certa violência simbólica a fé alheia. Desde o descobrimento do Brasil evidenciamos uma imposição da fé cristã aos nativos (índios) que aqui residiam. Os negros também não tiveram liberdade de cultivar suas divindades, a ponto de eles realizarem um sincretismo, o qual combinavam elementos das duas matrizes religiosas (católica e africana).

Com o advento da Reforma Protestante que possibilitou o acesso irrestrito a escritura judaico-cristã (Bíblia), muitos cristãos se viram como detentores da “verdade” da palavra de Deus. A partir desse evento os protestantes procuraram cada vez mais divulgar a “verdade” por eles descoberta. Diante dessa situação, surgiram duas tendências para interpretação do texto bíblico: a primeira constitui a dos fundamentalistas que detém o monopólio da “verdade”, os quais sempre de posse da “verdade” buscam desmerecer aqueles que pensam diferente da “ortodoxia”. Os relativistas constituem a outra tendência. Estes estão mais voltados às novas espiritualidades. Segundo eles, a verdade está dentro de cada ser humano, conseqüentemente, cada religião possibilita caminhos diversos ao Sagrado/Transcendente⁵.

O reconhecimento das mais variadas instituições religiosas como lugar privilegiado – mas não exclusivo - possibilita enfrentar desafios, restabelecer a confiança e recuperar o papel na sociedade civil. Desta forma, o reconhecimento das mais diversas manifestações religiosas dos estudantes encontram no âmbito escolar um espaço favorável ao trabalho das relações humanas, do reconhecimento da diferença, da garantia dos direitos sociais e, que, como possibilidade de posicionamento político.

ENSINO RELIGIOSO, POR QUÊ? E, PARA QUÊ?

A situação educacional e social no Estado brasileiro apresenta aspectos e fatores que evidenciam a necessidade de promover um novo tipo de cidadania, que envolva a criação de espaços onde a luta contra a (in)diferença e capacitação do cidadão como garantidor dos direitos individuais e coletivos sejam prioritários. Por esta razão, o processo de reconfiguração social, urgente nas circunstâncias

⁵ Utilizaremos os termos Sagrado e Transcendente como sinônimos. Tomamos como base conceitual o que o Rudolf Otto apresentou em sua obra O Sagrado. Para ele (2007), a categoria do sagrado constitui um elemento ou momento bem específico, que não pode ser acessível racionalmente, pois é algo árreton (impronunciável), ineffabile (indizível), o qual escapa à apreensão conceitual.



atuais, envolve toda a sociedade e requer a abertura de perspectivas que permitam canalizar no campo educacional os elementos necessários para uma autêntica reconstrução do tecido social. Sendo assim, o posicionamento do Ensino Religioso está ligado a elementos culturais predominantes, amplamente mediados pela dinâmica educacional.

Nossa pretensão, aqui, consiste na elaboração de uma reflexão teórica que auxilie o docente de Ensino Religioso a compreender o Sagrado sobre uma base narrativa. O discurso teológico quando elaborado conceitualmente, pode ser produzido a partir do horizonte de significação implícito às narrativas e símbolos constitutivos das tradições judaica, cristã, hinduísta, budista, egípcia etc. A tentativa de elaboração de um projeto de ensino tendo como base uma teologia narrativa não pode ser confundida com a de uma teologia da história. Esta tem como finalidade a construção de uma história universal (*Heilsgeschichte*) no sentido hegeliano. Um dos propósitos de uma teologia narrativa consiste em libertar as narrativas sagradas das coerções de um esquema cristão, teologia sistemática/dogmática, e, que não esteja submetida a um esquema cronológico unívoco da história da salvação.

Durante a história dos cristianismos surgiu uma longa tradição de narrar histórias/estórias da relação da alteridade divina e sua manifestação (revelação) ao homem. Entre as mais diversas narrativas teológicas (dogmática, místicas, feminista, sapiências, ecológicas e históricas) ressaltamos a importância para a teologia narrativa, pois ela possibilita caminhos criativos para a interpretação da fé, assim como amplia o diálogo com distintos campos de nossa cultura e religiosidade.

O que é e quais são as possíveis contribuições da teologia narrativa para este contexto religioso do Estado brasileiro? A teologia narrativa consiste na capacidade de aproximar a fala dos sujeitos e da narratividade da fé que se encontra nos mais diversos estratos da cultura e da sociedade. A pretensão de uma teologia narrativa não é a de substituir as demais teologias, mas, sim, à de dá voz as experiências de fé das diversas pessoas em relação ao Sagrado.

Conforme Juan Bosch Navarro (1995), a Fé surge como dimensão antropológica e, a concepção de Ensino Religioso em nosso país não é de caráter confessional, pois vivemos num país laico, regido por uma constituição. Diferentemente do Brasil, há países teocráticos que, apesar de possuírem suas respectivas constituições, geralmente, têm seus sistemas políticos, econômicos e sociais regidos por textos sagrados. O Vaticano constitui um Estado teocrático, onde o Papa é Chefe de Estado do menor território do mundo e suas leis são baseadas na Bíblia. Há alguns países islâmicos como é o caso da Arábia Saudita e do Irã, os quais possuem leis que têm como fundamento a *Sharia*. Esta, constitui um conjunto de leis escritas no Alcorão que rege a vida de todos aqueles que vivem naqueles países. Por esta razão, ao contrário do que acontece nos países ocidentais, não há uma clara separação entre aquilo que sejam leis religiosas e leis civis.

Na atual Constituição Federal Brasileira (1988) a obrigatoriedade da oferta do Ensino Religioso é confirmada nas escolas públicas. No Parágrafo 12 do Artigo 210 da referida constituição lemos que “O ensino religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental”. Comentando a respeito deste dispositivo da constituição, Rodrigo Souza, em seu artigo “O Ensino Religioso no Brasil: Uma Abordagem Histórica a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais” diz que:

A introdução do Ensino Religioso como integrante do corpo curricular da formação básica do cidadão brasileiro mostra que a educação no Brasil considera e respeita dimensão transcendente do ser humano. Por muito tempo o fenômeno religioso foi excluído das matrizes escolares no Brasil. Esse tipo de atitude, no fundo, revelava uma violência ao *homo religiosus*. A atual legislação, numa visão mais holística do ser



humano, corrige as deficiências do passado. Na análise dessa nova proposta de Ensino Religioso no Brasil, a pluralidade é respeitada e assegurada no desenvolvimento da disciplina (Souza, 2006, p. 9)

Entre tantas coisas que podemos falar do ser humano, uma delas é a de que ele é um ser relacional. Relacionar-se faz parte do seu ser, não somente com seus pares, mas, vive em busca de sobrevivência e na busca de encontrar significado para a vida, elaborou as mais variadas formas de relacionamento com a natureza, com a sociedade e com o Sagrado. Seu objetivo é a de superar sua a transitoriedade e as limitações, ou seja, sua finitude. Isso o desafia cotidianamente diante da complexidade da técnica, da industrialização, da urbanização, do racionalismo e da secularização. Na ânsia de estar em contato com o Sagrado, o ser humano, de acordo com Mircea Eliade, desenvolveu os mitos e os ritos.

O mito, para este historiador das religiões, narra uma história sagrada, a qual relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso das “origens”. Dito de outro modo: o mito conta como, graças aos feitos dos seres sobrenaturais, surgiu uma realidade, tais como: o cosmos/universo ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie de planta, um comportamento humano, uma instituição. As narrativas míticas descrevem as diversas e, às vezes, as dramáticas irrupções do sagrado no mundo. É essa irrupção do sagrado que realmente funda o mundo e o que o faz como é hoje.

A repetição ritual do mito dos modelos divinos possibilita um resultado duplo: primeiro, ao imitar as ações dos deuses, os homens se mantêm no sagrado; segundo mediante a reatualização contínua das ações divinas exemplares, o mundo é sacralizado. As ações do homem religioso contribuem para manter o sagrado no mundo. Conforme nos diz Mircea Eliade:

O homem religioso assume uma humanidade que tem um modelo transumano, transcendente. Ele só se reconhece verdadeiramente homem quando imita os deuses, os heróis civilizadores ou os antepassados míticos. Em resumo, o homem religioso se quer diferente do que ele acha que é no plano de sua existência profana. O homem religioso não é dado: faz-se a si próprio ao aproximar-se dos modelos divinos. Estes modelos, como dissemos, são conservados pelos mitos, pela história das gestas divinas (Eliade, 2018, p. 88).

Desde a mais remota origem da humanidade, esta buscou responder a três perguntas: Quem sou? De onde vim? Para onde vou? Na busca por resposta à estas questões, o homem elaborou as mais diversas narrativas sagradas, culturas e filosofias de vida. De acordo com Arnaldo Vicente (2015), “toda cultura tem, em suas bases estruturais e manutenção, o substrato religioso que a caracteriza. Tal substrato promove unidade à vida coletiva diante de seus desafios e conflitos”. Por esta razão entendemos e concordamos que o Ensino Religioso pode promover uma Cultura de Paz, pois a religião é algo presente em nosso dia a dia. Na BNCC estão elencados alguns objetivos para a condução do Ensino Religioso nas escolas:

- a) Proporcionar a aprendizagem dos conhecimentos religiosos, culturais e estéticos, a partir das manifestações religiosas percebidas na realidade dos educandos; b)
- Propiciar conhecimentos sobre o direito à liberdade de consciência e de crença, no constante propósito de promoção dos direitos humanos; c) Desenvolver competências



e habilidades que contribuem para o diálogo entre perspectivas religiosas e seculares de vida, exercitando o respeito à liberdade de concepções e o pluralismo de ideias, de acordo com a Constituição Federal; d) Contribuir para que os educandos construam seus sentidos pessoais de vida a partir de valores, princípios éticos e da cidadania (Brasil, 2019, p. 434)

Algo que ainda persiste em nossa sociedade em relação ao pensamento humano é o de que as ideias contrárias são mutuamente exclusivas. Talvez o que impossibilite a uma vida em fraternidade seja esta ideia de que aquele que pensa e crê diferente de mim não possa ter direito à existência. Os indivíduos, os povos, em cada cultura existente há algo que é relevante para os demais, por mais diferentes que sejam entre si. O caos, os conflitos começam a surgir quando determinado grupo pretende monopolizar a verdade, enquanto persistir essa estreiteza de visão, a paz mundial permanecerá um sonho inalcançável.

O docente de Ensino Religioso necessita cultivar os conceitos de reverência, alteridade e diversidade no que diz respeito às mais variadas concepções do sagrado vivida, ou não, pelos seus discentes, conscientizando-os da importância de um espírito desarmado e desarmando o espírito e se empenhando, com determinação, pelo entendimento mútuo. Neste sentido, o Ensino Religioso se caracteriza como reflexão sobre os significados que os indivíduos atribuem ao Sagrado, pois a dimensão religiosa possibilita a agregação de novas relações do ser humano com o mundo, com o outro a partir do progresso da ciência e da técnica. Para Sá, a linguagem pedagógica do Ensino Religioso possui alguns critérios, são eles:

A valorização das experiências religiosas previamente construídas pelos alunos e alunas, favorecendo a capacidade de vivenciar uma relação emancipada com as diferentes culturas, considerando os princípios éticos da autonomia, da responsabilidade e do respeito ao bem comum; O exercício da criatividade e do respeito à ordem democrática em sala de aula, a partir da articulação dos conhecimentos, das discussões, debate e do desenvolvimento com base nos princípios políticos, caracterizados pelos direitos e deveres da cidadania e do respeito ao diferente que se manifesta nas culturas e tradições religiosas; A criação de condições para que cada educando (a) construa sua identidade, para saber acolher, conhecer, conviver e aprender a ser, valorizando e respeitando o outro, superando preconceitos que desvalorizam qualquer experiência religiosa, tendo como referência os princípios estéticos da sensibilidade e da criatividade (Sá, 2015, p. 58)

Esses princípios apresentam a especificidade da atuação do docente na disciplina de Ensino Religioso, pois eles buscam desenvolver a sensibilidade para o diálogo inter-religioso, a tolerância, a convivência pacífica com as mais variadas fés entre os seus discentes, respeitando (pois isso consiste em uma das finalidades da disciplina) a pluralidade cultural brasileira.



ESCOLA, ESTADO E RELIGIÃO: UMA BUSCA POR CONSOLIDAÇÃO DA FORMAÇÃO HUMANA

Acima falávamos da importância do espaço escolar como um lugar propício na sociedade brasileira ao direito que todo cidadão tem de aprender sobre as mais diversas manifestações do Sagrado/Transcendente. É importante ressaltar que nosso país tem uma diversidade de religiões disputando espaços e pessoas; somos uma comunidade multiétnica e pluricultural, formada por diversos grupos, convivendo com diferentes visões de mundo, valores e modos de organização.

Segundo Mario Peresson (1994), a religiosidade faz parte da cultura humana, pois mediante a religião o homem interpreta o mundo, a vida cotidiana, expressa sentimentos, distingue o que constitui o sagrado e o profano. Para Clifford Geertz, a religião pode ser considerada um sistema cultural baseado em símbolos que sintetizam o *ethos* de um povo. A religião constitui o arcabouço intelectual, moral emocional de uma determinada sociedade. Para Geertz:

Na crença e na prática religiosa, o *ethos* de um grupo torna-se intelectualmente razoável porque demonstra representar um tipo de vida idealmente adaptado ao estado de coisas atual que a visão de mundo descreve, enquanto essa visão de mundo torna-se emocionalmente convincente por ser apresentada como uma imagem de um estado de coisas verdadeiro, especialmente bem-arrumado para acomodar tal tipo de vida. Essa confrontação e essa confirmação mútuas têm dois efeitos fundamentais. De um lado, objetivam preferências morais e estéticas, retratando-as como condições de vida impostas, implícitas num mundo com uma estrutura particular, como simples senso comum dada a forma inalterável da realidade. De outro lado, apoiam essas crenças recebidas sobre o corpo do mundo invocando sentimentos morais e estéticos sentidos profundamente como provas experimentais da sua verdade. Os símbolos religiosos formulam uma congruência básica entre um estilo de vida particular e uma metafísica específica (implícita, no mais das vezes) e, ao fazê-lo, sustentam cada uma delas com a autoridade emprestada do outro (Geertz, 2008, p. 67).

A educação, como serviço público, regulamentada pela Constituição Federal de 1988 e pela BNCC, possibilita uma qualidade na educação e a efetividade desse serviço para todos os cidadãos. No Brasil, dentro deste estado de direito, o Ensino Religioso permite um plano diferente das ideologias políticas, pois na verdade, transcende-as, já que sua competência é lidar com o sentido da existência, a relação entre os valores fundamentais e a boa convivência com o diferente. No livre diálogo para uma formação consistente e eficaz deve ser oferecido aos discentes do Ensino Fundamental II que frequentam as aulas de Ensino Religioso conteúdos que abordem temas, tais como: culturas e tradições religiosas; escrituras sagradas, teologias comparadas; ritos e *ethos*, entre outras que possam lhe garantir um seguro desempenho de suas funções educativas. O docente ao apresentar e comparar as diversas concepções sobre o Sagrado/Transcendente, ele possibilita ao discente compreender de forma clara e coerente o fenômeno religioso como produto cultural. Ainda na BNCC, as competências para o Ensino Religioso, são:

1. Conhecer os aspectos estruturantes das diferentes tradições/movimentos religiosos e filosofias de vida, a partir de pressupostos científicos, filosóficos, estéticos e éticos.
2. Compreender, valorizar e respeitar as manifestações religiosas e filosofias de vida, suas experiências e saberes, em diferentes tempos, espaços e territórios.
3. Reconhecer e



cuidar de si, do outro, da coletividade e da natureza, enquanto expressão de valor da vida. 4. Conviver com a diversidade de crenças, pensamentos, convicções, modos de ser e viver. 5. Analisar as relações entre as tradições religiosas e os campos da cultura, da política, da economia, da saúde, da ciência, da tecnologia e do meio ambiente. 6. Debater, problematizar e posicionar-se frente aos discursos e práticas de intolerância, discriminação e violência de cunho religioso, de modo a assegurar os direitos humanos no constante exercício da cidadania e da cultura de paz (Brasil, 2019, p. 435)

As religiões constituem fatos humanos, históricos e sociais. Ela tem sido exercida e difundida desde a mais remota origem do homem. Por esta razão, entendemos ser de suma importância o lugar que ela deve ocupar na escola, pois nada do humano é estranho a ela. Ainda que alguns (Marx e Nietzsche) a considerem desnecessário e irracional, é necessário conhecê-la em suas origens, o seu conteúdo, as suas estruturas, os seus fins e métodos, para que possamos ampliar nossa compreensão das relações sociais a partir da diversidade das religiões.

Marx (1982, p. 492) fez duras críticas ao pensamento religioso, para ele “as críticas não arrancam as flores ilusórias das correntes, para que o homem possa sustentar as correntes escuras e nuas, mas para se livrar delas e brotar flores vivas”. Nietzsche, por sua vez, tece uma dura crítica aos fundadores das religiões e as religiões de uma forma geral. Segundo Friedrich Nietzsche os sacerdotes são apenas impostores entre os homens. Em suas obras filosóficas, dentre elas, **Humano, demasiado humano** (Nietzsche, 2000), mais precisamente no terceiro capítulo, este autor apresenta como o *locus* de suas críticas a religião e a vida religiosa. Este filósofo acredita que a religião, assim como a metafísica e a arte, entorpece os sentidos. Para o referido filósofo Nietzsche:

quanto mais diminuir o império das religiões e de todas as artes da narcose, tanto mais os homens se preocuparão em realmente eliminar os males: o que, sem dúvida, é mau para os poetas trágicos — pois há cada vez menos matéria para a tragédia, já que o reino do destino inexorável e invencível cada vez mais se estreita, — mas é ainda pior para os sacerdotes: pois até hoje eles viveram da anestesia dos males humanos (Nietzsche, 2000, p. 54)

A crítica da religião desilude o homem a levá-lo a pensar, a agir e a organizar sua sociedade como um homem desiludido que entrou na razão. Todo cidadão deve, se assim o quiser, conhecer as religiões (que são manifestação do Sagrado/Transcendente) que influenciaram o estado atual da sociedade brasileira, para entender a história e sua projeção futura. De acordo com Sá:

Entender o conhecimento como um processo em construção em que se aproveitam as situações oferecidas como oportunidades de reflexão. Assim como um jardineiro dedicado rega diariamente as sementes, é necessário cultivar o pensamento e a curiosidade que impulsionam a investigação. Pensar a pessoa como totalidade que envolve corpo, espírito, razão, emoção, intuição e o aspecto lúdico, estético, ético, histórico, social, econômico e político. Dialogar com a diversidade, entendendo que a riqueza dos seres humanos reside na diferença, que é importante ver o outro como outro,

e não querer transformá-lo em mesmo. A homogeneização é a demolição dos seres humanos. O coletivo se constrói com respeito e acolhida às diversas individualidades. Preservar a memória como referência da própria identidade, quer seja de um país, do grupo ou do próprio indivíduo. Trabalhar com a memória é trabalhar com raízes e significados. Ninguém é fruto de si próprio, mas estabelece vínculos com todos que o antecederam e com os que o sucederão. Uma sociedade como a nossa, que valoriza tudo que é útil e pragmático, despreza a memória porque ela carrega como núcleo os fios da história que possibilitam ofertar sentido e compreensão (Sá, 2015, p. 55)

Segundo Sá (2015), a(s) religião(ões) ocupa(m) um importante espaço na história da humanidade, pois elas constituem um fato cultural e, desta forma, devem ser estudadas. Por outro lado, o conhecimento do fenômeno religioso constitui um componente básico da formação humana integral, isto é, o conhecimento é a condição para a correta compreensão de outros conhecimentos, possibilitando, uma melhor autocompreensão, apreensão de nossos saberes, modo próprio de pensar e ser.

No ambiente escolar e, em articulação com a família, onde as crianças e os adolescentes podem realmente integrar sua personalidade e formar em todas as suas dimensões. Por esta razão, a dimensão religiosa, ao estabelecer um diálogo interno entre a fé, entre os mais variados credos, o conhecimento e os valores humanos, configuram os sentidos da vida propostos por outras disciplinas.

Pelo que afirmamos acima, a religião em suas múltiplas manifestações do Sagrado/Transcendente constitui uma parte essencial da cultura, costumes, cosmovisões. Para isso, é necessário estabelecer um diálogo permanente entre todos os diversos credos religiosos da sociedade, de tal forma que se alcance um acordo social que possibilite a partir do ensino daquilo que é essencial para uma boa convivência humana. Desta forma, o fazer pedagógico do Ensino religioso na escola dar-se-á a partir da análise e compreensão das diversas cosmovisões do Sagrado/transcendente na sociedade brasileira. Por esta razão, afirma Sá que:

O fazer pedagógico de qualquer área de conhecimento se efetiva na escola a partir de conhecimentos produzidos, acumulados e sistematizados historicamente de forma a possibilitar aos educandos conhecer o passado e o presente numa perspectiva de criar novos conhecimentos. O fazer pedagógico no Ensino Religioso deverá se efetivar no serviço ao educando, na forma de diálogo inter-religioso para oportunizar a informação, a interpretação do conhecimento acumulado, a ressignificação de conteúdos e conceitos - dos quais decorre o processo de ensino-aprendizagem - sobre as diferenças, diversidades e pluralidade, numa ênfase histórica, que permite o entendimento de si e do outro, viabilizando a formação do cidadão. Portanto, o fazer pedagógico no Ensino Religioso dar-se-á em nível de análise e conhecimento da diversidade cultura religiosa, respeitando-se as diferentes expressões religiosas dos educandos (Sá, 2015, p. 59)

Em nosso país de proporção continental e pluralista possuidor das mais variadas fés, a indiferença, a intolerância, e o cerceamento da liberdade culto são fatos bastante notório no cotidiano. O Ensino Religioso tem, desde que não seja de caráter confessional, um papel preponderante na formação humano-espiritual das crianças e adolescentes.

Aos docentes da disciplina de Ensino Religioso, ressaltamos que tal disciplina não implica falar ou demonstrar fenômenos em um laboratório, mas implica um profundo conhecimento disciplinar, além de uma profunda convicção e a solidez dos valores permanentemente vividos. Além disso, se requer uma adequada preparação humana, teológica, pedagógica e histórica dos docentes de educação religiosa em ciências das religiões.

Numa sociedade permeada pela violência, a disciplina de Ensino Religioso tem como finalidade a busca da verdade, da justiça, da paz e da reconciliação, valores que nos permitam uma boa vivência em relação aos nossos contemporâneos, promovendo um cidadão ativo na construção de uma sociedade mais humana e fraterna.

Além disso, se torna essencial que os discentes valorizem a vida, como resultado de um ato de amor e que eles promovam atitudes existenciais para o bem-estar social, descobrir, estudar, aprender e se comunicar. As diretrizes para viver harmoniosamente em comunidade, através de relacionamentos interpessoais mais completos com aqueles ao seu redor e o exercício de respeito e tolerância para aqueles que pensam de forma diferente. Aos discentes da disciplina de Ensino Religioso, requer-se deles a competência para dialogar com as diversas fés e, que estejam mais sensíveis às necessidades dos outros, aprendam a enfrentar os problemas e desafios da sociedade de hoje, como construtores da paz e, progressivamente, se tornem conscientes de seu importante papel em tornar este mundo, um mundo mais humano e fraterno para todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do que apresentamos no decorrer deste artigo entendemos ser relevante o Ensino Religioso no âmbito escolar, pois ele constitui uma área fundamental para a formação de crianças e adolescentes. O Sagrado/Transcendente como elemento constituinte das dimensões do ser humano e, portanto, deve ser ensinado e aprendido, de forma intencional, programada e assumida, nos currículos das instituições escolares, seja ele público ou privado. Ressaltamos ainda que a disciplina de Ensino Religioso está garantida por lei, ela consta na Constituição Federal de 1988 (CF), na Lei de diretrizes e bases da educação (LDB) e na Base nacional comum curricular (BNCC).

As razões e propósitos para o Ensino Religioso são antropológicos, sociais, culturais e humanos, pois não é possível ignorá-las e tomar atitudes dogmáticas, se quiser responder à Constituição e às leis, além de ser coerente com a responsabilidade inalienável fundamental de ser educador.

Sem este ensino na educação fundamental, o direito de as crianças e adolescentes de terem uma educação integral seria ignorado e o desenvolvimento potencial de dimensões tão essenciais como o intrapessoal, o interpessoal e o transcendente seriam minimizados. Seria desastroso negar às gerações presentes e futuras a enfrentar um mundo sem sentido, sem esperança e obscuro, sem qualquer instrumento eficaz.

O Ensino Religioso requer do docente uma ação pedagógica laica, pois quem afirma a laicidade do Estado não só reconhece e respeita, mas também promove a diversidade de culturas, credos e raças. Uma parte essencial dessa diversidade que cria civilização e cultura é a religiosidade (Sagrado/Transcendente). Ela contribui de maneira original e específica para a formação integral de nossos jovens, ou seja, a educação integral de nossos discentes deve orientar-se para o desenvolvimento de cidadãos responsáveis para a tomada de decisões em relação a dilemas e conflitos em todos os âmbitos da vivência em sociedade, inclusive os relacionados aos conflitos religiosos. Além disso, no

Ensino Religioso busca-se refletir as respostas das diversas religiões às perguntas sobre o significado e os mistérios da vida.

Seria ingênuo de nossa parte entender que apenas o Ensino Religioso daria conta de resolver todos os problemas existentes em nossa sociedade. Reconhecemos que a arte, a filosofia, a ciência, a política e as demais áreas do conhecimento humano têm contribuído de maneira significativa para um bem-estar entre os povos. Mas ressaltamos a importância da disciplina de Ensino Religioso no ambiente educacional por seu potencial em abordar as manifestações do sagrado de maneira não confessional e sem proselitismos.

O Sagrado/transcendente faz parte da formação integral, pois a espiritualidade é parte essencial do ser humano. A partir do Ensino Religioso podemos formar cidadãos mais humanos e tornar o mundo menos conturbado. Além disso, ao adquirir conhecimento a respeito de outras culturas, outras formas de conceber o Sagrado/Transcendente, o ser humano pode ir rejeitando estereótipos e preconceitos, possibilitando um bem-estar entre os concidadãos, contribuindo para a coesão sociocultural. A base à dignidade humana, à ética e os valores democráticos, leva o ser humano a rejeitar injustificadas superioridades raciais, inaceitáveis em uma sociedade democrática. Por fim: a religiosidade nos devolve à origem e ao destino, ela nos dá a estrutura de seu desdobramento e seu desenvolvimento, que é a humanização do homem.

REFERÊNCIAS

- Brasil. (2019). Base Nacional Curricular Comum (BNCC). Ministério da Educação. Versão Final. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/download-da-bncc/>.
- Brasil. (2017). LDB : Lei de diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas.
- Brasil. (2016). Constituição da República Federativa do Brasil: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988. Brasília: Editora Senado Federal Coordenação de Edições Técnicas.
- Bosch, Juan Navarro. (1995). Para compreender o ecumenismo. São Paulo: Edições Loyola.
- Eliade, Mircea. (2018). O Sagrado e o Profano: a essência das religiões. São Paulo: Editora Martins Fontes.
- Eliade, Mircea. (1991). Mito y realidad. Barcelona: Editora Labor.
- Nietzsche, Friedrich. (2000). Humano, demasiado humano. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freire, Paulo. (2008). Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. 38ª ed. São Paulo: Paz e terra.
- Fonaper. (2004). Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Religioso. São Paulo: Editora Ave Maria.

Geertz, Clifford. (2008). A interpretação das culturas. 1ª ed. Rio de Janeiro: LTC.

Marx, Karl. (1982). .Escritos de Juventud. México: Fondo del Cultura Económica.

Mendonça, Antônio Gouvea. (1999). Fenomenologia da Experiência Religiosa. In: Numen: revista de estudos e pesquisa da religião. Juiz de Fora, 1999, v. 2, n. 2, p. 65-89.

Peresson, Mario L.T. (1994). Educar desde las culturas populares. In: Cúadernos de educación y cultura. nº 4/13. Santafé de Bogotá, DC., setembro.

Sá, Arnaldo Vicente Ferreira. (2015). Fundamentos do Ensino Religioso. São Paulo. Editora Egos.

Silva, Eliane Moura da. (2013). Entre Religião, Cultura e História: a Escola Italiana das Religiões. In: Maranhão Filho, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). Religiões e Religiosidades em (con)textos: Conferência e mesa do Simpósio Sudeste da ABHR / Simpósio Internacional da ABHR: diversidades e (in)tolerâncias religiosas. São Paulo: Fonte Editorial.

Souza, Rodrigo. (2002). O Ensino Religioso no Brasil: Uma Abordagem Histórica a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Disponível em: Acesso em: <https://docplayer.com.br/14543138-O-ensino-religioso-no-brasil-uma-abordagem-historica-a-partir-dos-parametros-curriculares-nacionais.html>

Otto, Rudolf. (2007). O sagrado: aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. Petrópolis: Vozes.

Zilles, Urbano. (1991). .Filosofia da Religião. São Paulo: Editora Paulus.